



ENQUANTO AS PLACAS TECTÔNICAS SE ATRITAM NAS PROFUNDEZAS DO PLANETA, AQUI EM CIMA, NA CROSTA TERRESTRE, PESSOAS SE REVOLTAM CONTRA A OMISSÃO DO ESTADO.



NAS ÚLTIMAS SEMANAS, RUAS E PRAÇAS FORAM TOMADAS POR MILHARES DE PESSOAS QUE PROTESTAM CONTRA O GOVERNO. OS PAÍSES PODEM SER AZERBAIJÃO, CHILE, CHINA, ESPANHA, FILIPINAS, GRÉCIA...



A MÁ SITUAÇÃO ECONÔMICA, A DESIGUALDADE E A FALTA DE OPORTUNIDADES PARA OS JOVENS ESTÃO PRESENTES NESSES PROTESTOS.



EM SUA OBRA "O HOMEM DO SUBTERRÂNEO", FIODOR DOSTOIÉVSKI FALA DA LUTA HUMANA CONTRA O PRAGMATISMO E O UTILITARISMO QUE REGEM A NOSSA SOCIEDADE.



INDIGNAÇÃO GLOBAL Enquanto as placas tectônicas se atritam nas profundezas do planeta, aqui em cima, na crosta terrestre, pessoas se revoltam contra a omissão do Estado e a desestruturação da ordem social. Num ensaio transcrito para a Folha de S. Paulo, o editor-chefe da revista *Foreign Policy*, Moisés Naím, escreveu: "(...) Nas últimas semanas, ruas e praças foram tomadas por milhares de pessoas que protestam contra o governo. Os países podem ser Azerbaijão, Chile, China, Espanha, Filipinas, Grécia, Indonésia, Israel, Portugal, Reino Unido, Rússia, Tailândia. A lista pode ser ampliada para o Bahrein, Egito, Jordânia, Marrocos, Líbia, Síria, Tunísia e Iêmen. A fúria das ruas se tornou contagiosa e a indignação popular se globalizou. É tentador procurar uma mesma explicação para todos esses protestos."

FORÇAS PRÓPRIAS Naím lembra que embora seja fato que a má situação econômica, a desigualdade e a falta de oportunidades para os jovens estejam presentes em muitos desses movimentos, é mais verdadeiro ainda que cada um desses protestos seja movido por forças muito próprias: "(...) Os jovens chilenos saem às ruas porque querem educação melhor; os ingleses, porque querem roubar um aparelho de TV. Os israelenses protestam contra a falta de moradia. No Reino Unido, a discussão pública sobre as causas dos saques têm explicações que vão desde famílias fracas e desfeitas, passando pela inaptidão policial, chegando à imigração, ao multiculturalismo, discriminação racial, cortes nos orçamentos, desigualdade econômica, overdose de BlackBerries e redes sociais e muito mais."

CRISE MORAL Em meio a esta tempestade de ideias e suposições, o primeiro-ministro britânico, David Cameron, chegou a dizer que as manifestações dos jovens ingleses revelavam uma crise moral. Apesar de correta, a afirmação não cabe apenas aos gestos desesperados dos jovens ingleses. Ela se adéqua perfeitamente ao parlamento e ao próprio primeiro-ministro. Afinal, os parlamentares britânicos estiveram envolvidos recentemente numa farra de gastos sem autorização, digna de países latino-americanos. Paralelamente, o secretário de imprensa do primeiro-ministro conservador foi preso no episódio do jornal *News of the World*, por ser responsável pelas escutas ilegais promovidas pelo jornal.

ÀS CEGAS Num ensaio para a revista *Valor Econômico*, o jornalista e escritor José Castello escreveu: "(...) O mundo se assusta com os atos de vandalismo que tomaram as ruas de Londres. Fala-se em "protestos", mas o objeto da contestação não fica claro. Não

surgem palavras de ordem, reivindicações práticas, objetivos políticos. Nada – só os atos puros e brutos de horror. Os incendiários de Londres batem-se, talvez, contra o pragmatismo e a frieza do mundo contemporâneo. Atuam, porém, às cegas."

HOMEM DO SUBTERRÂNEO Castelo diz que os episódios de Londres fazem lembrar um dos maiores personagens da literatura russa: *O Homem do Subterrâneo*, de Fiodor Dostoiévski. A obra narra o horror diante do mundo. É um discurso de revolta, desgovernada, dirigida a um inimigo difuso: o mundo que nos cerca. "*O Homem do Subterrâneo bate-se contra o pragmatismo e o utilitarismo que regem a nossa sociedade. Ele fala das mazelas e dores da condição humana. Trata-se de um homem comum, o mesmo que, nas ruas, incendeia e destrói.*"

REALIDADE FRIA Lembro-me do tunisiano que, num gesto de desespero contra a opressão, incendiou o próprio corpo em protesto, desencadeando as manifestações no norte da África que derrubaram ditaduras de décadas. Contudo, tunisianos e egípcios estão desiludidos. Kareem Fahim escreveu para o jornal *The New York Times* que o otimismo alimentado pelo levante popular caiu por terra diante da realidade fria: "(...) a vida não melhorou – em muitos casos, tornou-se ainda mais difícil, à medida que as economias estagnaram, e líderes interinos enfrentam dificuldades para erguer um sistema novo."

AMARGURA Kareem Fahim diz ainda que os tunisianos "(...) atribuem a falta de progresso ao governo de transição, que vem agindo apenas lentamente para resolver uma das queixas fundamentais da revolução – o desemprego juvenil –, especialmente aqui na Tunísia central, onde o levante começou. Mas a amargura forma um contraste agudo com o otimismo cauteloso sobre o progresso da revolução em outras partes do país e ameaça solapar os ganhos conquistados."

CORTES NOS GASTOS PÚBLICOS Um recente e rigoroso estudo dos pesquisadores Jacobo Ponticelli e Hans-Joachim Voth, da Universidade Pompeu Fabra, de Barcelona, com base de dados sobre 26 países europeus, revelou que, nos últimos 90 anos (1919 a 2009), os cortes nos gastos públicos elevaram significativamente a frequência de distúrbios, machas antigoverno, greves gerais, assassinatos políticos e tentativas de derrubada a ordem estabelecida. O importante desse estudo é a comprovação científica de informações que já conhecíamos por observação e senso comum.